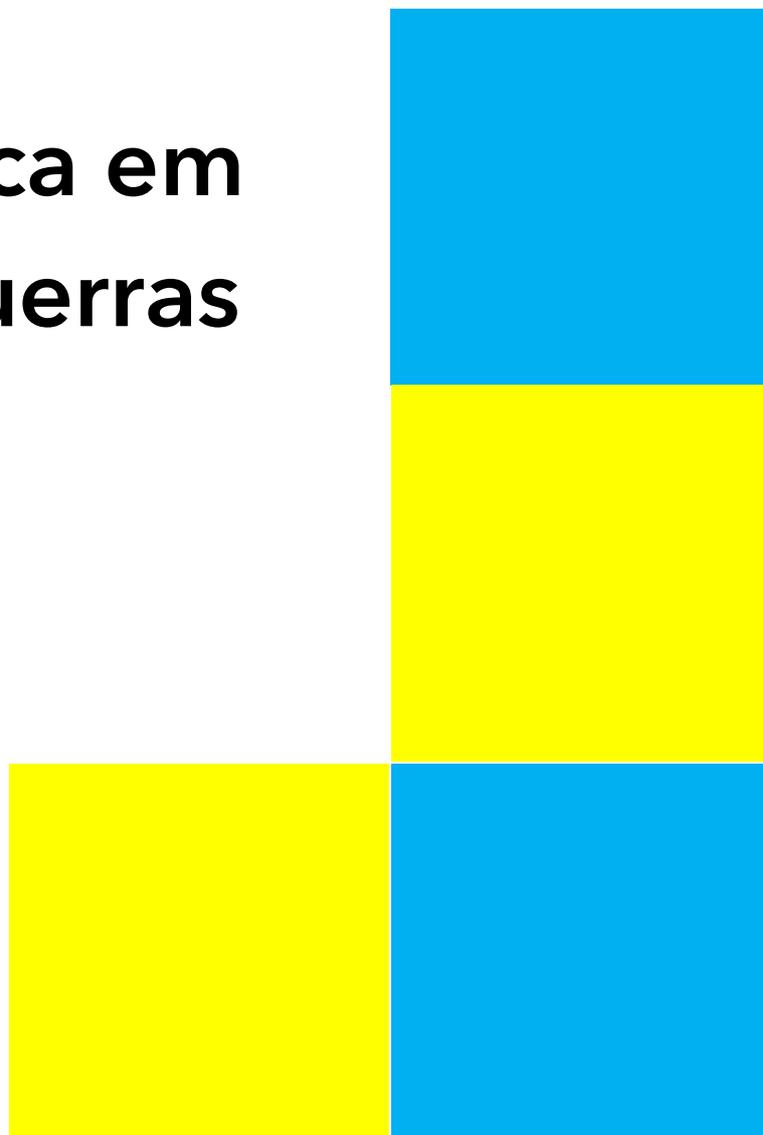


O retorno da retórica e a importância da educação metalinguística em tempos de guerras de narrativas

Álvaro Luiz Nunes

*Mestrando em história pela
Universidade Federal do Paraná (UFPR)*



Resumo: Este estudo tem como objetivo argumentar acerca do retorno do fenômeno retórico na cena contemporânea para, em seguida, problematizar, nas lutas políticas brasileiras, um cenário no qual a palavra "narrativa" aparece como elemento lingüístico apartado da realidade. Para tanto, discorre-se sobre a retórica dos sofistas, no período anterior ao seu enclausuramento enquanto disciplina por Platão e Aristóteles, passando pela versão moderna da retórica sofística para, finalmente, culminar na emergência dos discursos na cena contemporânea. A hipótese apresentada neste estudo é a de que a chamada nova direita brasileira assume o conceito metafísico de verdade como estratégia retórica para combater às "narrativas" de seus adversários políticos. O modo cotidiano de estarmos no mundo é retórico e as lutas políticas, quando não vencidas através da opressão física, são travadas no nível dos discursos. A política é o lugar do dissenso, não de uma verdade absoluta. Portanto, um mundo retórico exige uma educação metalingüística, isto é, a compreensão de que os fatos ganham existência por meio dos discursos.

Palavras-Chave: Verdade. Metafísica. Narrativa. Política. Retórica.

Abstract: This study aims to argue about the return of the rhetorical phenomenon in the contemporary scene, to then problematize, in Brazilian political struggles, a scenario in which the word "narrative" appears as a linguistic element apart from reality. For this purpose, the rhetoric of the sophists is discussed, in the period prior to its closure as a discipline by Plato and Aristotle, passing through the modern version of the sophistry rhetoric, to finally culminate in the emergence of discourses in the contemporary scene. The hypothesis presented in this study is that the so-called new Brazilian right assumes the metaphysical concept of truth to combat the "narratives" of its political opponents. The daily way of being in the world is rhetorical and political struggles, when not won through physical oppression, are fought at the level of discourses. Politics is the place of dissent, not of an absolute truth. Therefore, a rhetorical world requires metalinguistic education, that is, the understanding that facts come into existence through discourses.

Keywords: Truth. Metaphysics. Narrative. Policy. Rhetoric.

Introdução

O senso comum acerca da retórica na contemporaneidade é categórico: discurso falacioso. No entanto, a retórica, que tem origem na Grécia Antiga, persiste nos dias atuais e permeia o modo cotidiano de estarmos no mundo, não se resumindo a um simples discurso falacioso. Evidentemente, não podemos equiparar a retórica clássica dos sofistas da Grécia Antiga com as diversas formas de discursos que encontramos na contemporaneidade. Contudo, é possível observar um retorno contemporâneo da retórica, sobretudo após a ascensão do chamado pós-modernismo. Em tempos de novas mídias digitais e a chamada guerra de narrativas na política, o influxo dos discursos nas relações sociais é cada vez maior.

No âmbito científico, o enfraquecimento do cartesianismo racionalista e a recusa da metafísica deram protagonismo ao relativismo filosófico, fazendo a retórica emergir com força na contemporaneidade. Assim, com o dismantelamento de uma verdade universal, restaram somente os discursos sobre a verdade, e um ataque intenso contra a transcendência.

Se na teoria social o conceito metafísico de verdade¹ foi aniquilado, nas lutas políticas ele ainda tem sua validade. Após vencer as eleições presidenciais em outubro de 2018, Jair Bolsonaro inseriu uma famosa passagem da Bíblia em seu discurso de vitória: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Que verdade? No âmbito da política, assumir uma verdade metafísica é, na prática, impor uma verdade totalitária, possivelmente a do próprio mandatário e seus asseclas, mas imposta como verdade para todos. Eis alguns dos perigos de misturar política com religião.

Na política, uma verdade absoluta é capaz de ocultar as contradições e preservar as relações de dominação. A grande mídia e sua máquina discursiva, bem como os governos e grandes grupos econômicos, beneficiam-se de uma retórica onipresente para imporem suas verdades, e isto não seria um problema caso a população recebesse estes discursos de maneira crítica, com consciência de que a retórica dá existência aos fatos.

No entanto, ainda não superamos sequer o problema das notícias falsas, as chamadas *fake news*, que nos últimos anos tem corroído a nossa democracia. A força das

¹ A concepção do conceito metafísico de verdade é atribuído a Platão, que dividiu o mundo entre sensível e inteligível, preconizando este em detrimento daquele. Esta dicotomia deu origem a todas as dicotomias conhecidas no Ocidente. Nesta concepção filosófica, o mundo concreto, sensível, seria rebaixado, uma vez que o homem deveria alcançar o mundo perfeito das ideias, uma verdade absoluta que está para além do mundo sensível.

notícias falsas e a mera reprodução de discursos evidenciam o fato de que grande parte da população recebe discursos de maneira acrítica². A política, um fenômeno complexo por excelência e permeado pela ambigüidade, é um palco perfeito para a atuação dos discursos.

Assim, como não poderia ser diferente, nas lutas políticas brasileiras há uma guerra constante de discursos, e a retórica assume um papel preponderante. Negacionistas³ como os que pedem a volta da ditadura militar no Brasil, frequentemente reproduzem, nos dias atuais, o discurso construído pelo próprio governo ditatorial no passado, ou seja, assumem uma retórica oficial e ideologizada, numa intransigente defesa do discurso do poder.

Na cena contemporânea brasileira, a palavra “narrativa”, um termo de origem retórica, ganhou protagonismo nos debates políticos, e é significativo que ela venha sendo utilizada como artifício falacioso. Apregoar que o seu adversário produz uma narrativa sobre os fatos parece ser uma maneira de assumir que existe uma verdade absoluta, universal, exterior à linguagem.

Este estudo tem como objetivo argumentar acerca da importância da retórica nas lutas políticas, a partir de uma análise do uso corrente da palavra “narrativa” nas lutas políticas brasileiras como algo que se afasta da verdade. A expressão “narrativa do golpe” é frequentemente utilizada como forma de desqualificar o argumento daqueles que defendem que um golpe parlamentar derrubou a então Presidenta Dilma Rousseff da Presidência da República em 31 de agosto de 2016.

Para atingir o intento deste estudo, discorre-se sobre a retórica clássica dos sofistas, no período anterior ao seu enclausuramento enquanto disciplina por Platão e Aristóteles, passando pela versão moderna da retórica clássica, para finalmente culminar na emergência dos discursos na cena contemporânea.

² O compartilhamento de notícias falsas é grande no Brasil. O TSE lançou em outubro de 2019 uma campanha contra notícias falsas. Uma série com um total de oito vídeos de conscientização contra notícias falsas têm sido divulgados na internet e na TV aberta. Ver em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Maio/ultimo-video-da-serie-minuto-da-checagem-alerta-sobre-as-consequencias-da-divulgacao-de-desinformacao>. Acesso em: 15/06/2020.

³ O termo está associado à atuação de movimentos de extrema-direita na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial cujo discurso (no campo político/intelectual ou prático) tinha como objetivo negar o extermínio de judeus na Alemanha nazista. Ver em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf. Acesso em: 15/06/2020. Atualmente, o negacionismo vincula-se aos mais diversos discursos conspiratórios.

O modo cotidiano de estarmos no mundo é retórico e as lutas políticas, quando não vencidas através da opressão física, são travadas no nível dos discursos. A historiadora Joan Scott (1999) argumenta que o sujeito é um efeito dos discursos. Neste sentido, fica clara a importância da educação metalingüística. Disseminar a compreensão de que os fatos existem porque há um discurso sobre eles - e que o modo retórico de estarmos no mundo exige uma consciência retórica, algo fundamental para a democracia -, é certamente um dos grandes desafios na atualidade.

A consciência de que é o discurso que dá existência ao fato permite uma participação política mais efetiva e, conseqüentemente, um fortalecimento da democracia, já que educada no âmbito metalingüístico a população seria capaz de compactuar com o discurso que melhor representasse a sua própria realidade, e não mais seria refém de falsos discursos ou de uma verdade totalitária.

A retórica clássica e a educação metalingüística

Os sofistas da Grécia Antiga são considerados os criadores da educação liberal e a sofística, arte teórica e prática, pressupunha uma concepção ampla de educação, em um ideário em que a formação espiritual consciente era o objetivo final da educação (JAEGER, 2003, p. 336). Com a superação das prerrogativas da nobreza do sangue, o espírito⁴ consciente e suas relações com o Estado se tornaram a condição necessária para a atuação dos sofistas. Estes retóricos viram a necessidade do aparecimento de individualidades espirituais (ênfase no sujeito e nas suas percepções) para atuarem na *Polis*, e esta atitude representava a abertura de discussões em torno dos problemas da moralidade e do Estado (JAEGER, 2003, p. 338).

Os sofistas estavam ligados ao poder, cobravam para ensinar e, desde o início, seus objetivos não estavam direcionados para a educação da população em geral. A meta era a educação dos chefes, adultos que seriam educados na arte de “falar bem” e “agir bem”, formando-se em política para um dia tornarem-se dirigentes do Estado (JAEGER, 2003, p. 339). Ora, se eliminarmos o caráter elitista da educação sofística, podemos aprender muito com seus preceitos fundamentais.

⁴ De acordo com Jaeger, o conceito do espírito no contexto da sofística era múltiplo, sendo, dentro outros aspectos, “o órgão através do qual o Homem apreende o mundo das coisas e se refere a ele” (JAEGER, 2003, P. 342).

Para os sofistas, a faculdade oratória era um atributo necessário para participação no Estado democrático e as palavras decisivas, organizadas em um discurso fundamentado, tinham papel primordial na educação política dos chefes (JAEGER, 2003, p. 340). A faculdade retórica se tornava, para os sofistas, uma virtude possível de ser ensinada.

A retórica sofisticada, enquanto arte teórica e prática, não se resumia à educação simplesmente formal enquanto estruturação do entendimento e da linguagem. A essência da educação estava na ética e na política e buscava contemplar não apenas o homem de forma abstrata, concebendo-o também como membro da sociedade.

Górgias (485 a.C.- 380 a.C) um dos grandes expoentes da sofística na Grécia Antiga, expõe em seu texto *Elogio de Helena*, o grande poder de persuasão dos discursos. Para o sofista “um discurso é um grande senhor que, por meio do menor e mais inaparente corpo, leva a cabo as obras mais divinas” (GÓRGIAS, 2009, p. 8).

Górgias compara o efeito dos discursos aos dos remédios, estes para a natureza dos corpos, aqueles para o ordenamento da alma. Desta forma, assim como um remédio cura males, porém pode causar efeitos colaterais, os discursos podem deleitar ou afligir seus destinatários, podendo, assim, serem utilizados para boa ou má persuasão (GÓRGIAS, 2009, p. 14). Em *Elogio de Helena*, Górgias busca inocentar Helena das acusações de que fora pivô da Guerra de Tróia, sendo que uma de suas principais teses é a de que a moça foi persuadida pelo discurso.

Protágoras (490 a.C. - 415 a.C), contemporâneo de Górgias e, assim como ele, um dos artífices da sofística antiga, dizia que o homem é a medida de todas as coisas. Esta afirmação revela uma surpreendente consciência da importância da subjetividade, em um período tão afastado das modernas discussões sobre o papel da subjetividade nas ciências. Protágoras defendia também que a única verdade universal estava na educação política (JAEGER, 2003, p. 351).

É a partir de Platão e Aristóteles que a retórica será enclausurada enquanto disciplina, e os sofistas serão vistos com desconfiança por relativizarem a verdade (WOODRUFF, 2008), algo que para Platão afasta-se da filosofia. Em Platão (2007, p. 120), o discurso escrito seria o *phármakon*; um remédio para a memória (memoração) e um veneno para o saber. Para Platão, o saber só seria possível na dialética e esta pressupõe a presença, a voz viva (DERRIDA, 2005). Neste sentido, o discurso escrito seria letra morta.

O filósofo Jacques Derrida (1973), em uma tese que busca expor os pressupostos do saber ocidental, apresenta a ideia de que todo o constructo do conhecimento ocidental está fundamentado em uma metafísica da presença (proximidade ao Logos enquanto *phoné*). Trata-se da ideia ilusória de que a verdade é alcançada somente por meio de uma presença plena da fala fonética.

A ideia clássica de que o saber somente poderia ser acessado na presença possui um pressuposto metafísico, uma vez que fala e significado também seriam significantes, enfim, o mundo seria significante, rastro, inscrição. Para o filósofo francês “É preciso um significado transcendental, para que a diferença entre significado e significante seja, em algum lugar, absoluta e irreduzível” (DERRIDA, 1973, p. 24).

Para Derrida (1973, p.18), no fundo Platão admite que o saber é também uma inscrição, e mesmo o ser da presença é uma inscrição na alma. Ao fim e ao cabo, Platão tem consciência de que o saber está no mundo enquanto escritura.

Como podemos observar, para a filosofia platônica o verdadeiro saber só poderia ser alcançado por meio da presença e esta possuía um pressuposto metafísico. Para a sofística, no entanto, a verdade das coisas humanas não poderia estar fora dos discursos, ao contrário, estes tinham o poder de criar verdades sobre o mundo.

Com a defesa de que a formação intelectual e o amplo conhecimento da essência das coisas humanas são indissociáveis da atuação prática na sociedade, a sofística representa empirismo e ataque à transcendência, assunto que, como veremos, será retomado pelos pós-modernos.

A sofística apresenta, também, uma concepção de educação bastante sofisticada e inaugura a ideia consciente de educação, baseada, entre outras coisas, na valorização do sujeito diante do objeto, na participação política e na importância da consciência metalingüística como fator preponderante para a atuação na *Polis*. Para Jaeger (2003, p. 353), os sofistas foram os primeiros humanistas.

É aqui que podemos constatar como muitas das teses defendidas pela sofística na antiguidade clássica emergem com força na contemporaneidade em variadas noções como ideologia⁵, imaginário, perspectivismo, discurso, retórica, narrativa e etc. Se o

⁵ Refiro-me a ideologia no sentido marxiano, isto é, a noção de que o conhecimento da realidade é dado a partir de um ângulo que oculta as contradições e preserva as relações de dominação.

mundo é significativa, conforme Derrida explicou, torna-se um campo fértil para o florescimento retórica.

Morte ou ressurreição da retórica clássica?

O conceito metafísico de verdade foi criticado desde o século XIII até a época Moderna, mas nunca superado totalmente: o pressuposto do conhecimento continuava a ser metafísico, mas sob o projeto moderno tinha a aparência de razão universal. No final do século XIX e, sobretudo, ao longo do século XX, ganhou força o discurso crítico ao projeto moderno e sua busca pela universalização e racionalização das ciências (REIS, 2006, 15-62). Constatou-se que o projeto moderno e teleológico das ciências era, no fundo, uma tentativa de dominação cultural e econômica da Europa sobre os demais povos do Planeta.

Com as duas grandes guerras do século XX, a crítica ao projeto moderno e seu ideal racionalista de busca de uma verdade universal se tornou mais aguda, propiciando a emergência do fenômeno conhecido como pós-modernidade. A pós-modernidade coloca em cheque todos os pressupostos modernos de razão universal, verdade universal, sentido histórico⁶ e ideia de progresso (REIS, 2006, 15-62). A acusação principal feita pelos pós-modernos é de que a razão⁷ construída no Ocidente é totalitária.

O enfraquecimento da razão na pós-modernidade esfacelou o sentido universal, dando força ao jogo de linguagens divergentes no qual predomina o dissenso (REIS, 2006, p. 45). Este cenário propicia o retorno dos discursos, a valorização do particular, dos pontos de vista e a pluralidade cultural.

Desde a recusa da metafísica como princípio norteador da existência, entre os séculos XIII e XVI, até a sua morte na pós-modernidade, que órfãos desta tradição procuram formas de ressuscitá-la acusando seus algozes de pregarem a destruição da civilização ocidental. Tal destruição estaria fundamentada na relativização da verdade.

⁶ Refere-se à crença de que os acontecimentos históricos possuem um sentido e este sentido, conforme as correntes religiosas, filosóficas ou políticas pode estar na salvação, na revolução, na elevação do espírito humano, no progresso etc.

⁷ Nesse sentido, seria mais adequado pensar a razão como uma razão automática, que instrumentaliza ideias e linguagem, em oposição à razão crítica que busca a emancipação, conforme os termos propostos por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em: ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Conforme vimos até aqui, o que os críticos pós-modernos fazem não é simplesmente relativizar verdades, mas sim colocar em cheque uma concepção de verdade universal de inspiração metafísica, nomeadamente aquela verdade idealista forjada pelo Ocidente e que fundamentou a sua expansão e dominação sobre os demais povos.

Com a falência do pressuposto metafísico que fundamentava a verdade absoluta, a verdade passa a manifestar-se por meio de pontos de vista, interpretação, problematização. Não significa dizer que não há fatos, mas os fatos não se confundem com aquilo que dizem sobre eles. Contudo, o discurso não gira em seu próprio eixo, não preenche um vazio; ao contrário, ele tem como matéria-prima uma perspectiva da realidade, uma materialidade, as relações concretas. Todo discurso emerge do real⁸, embora não se confunda com ele.

A realidade posta necessita de uma existência discursiva. A autenticidade do discurso estará, inclusive, na sua coerência com as relações concretas. Conforme alertou Górgias, o discurso pode ser libertador ou aprisionador, mas o fim e ao cabo, é por meio da linguagem que interiorizamos a realidade, e o papel dos discursos no arranjo e rearranjo das almas se torna crucial na condução dos debates políticos.

Bender e Wellbery (1998) defendem em estudo recente que a retórica clássica se manteve viva desde a Grécia Antiga até o século XIX, apesar de a esta altura chegar a passos titubeantes. Roland Barthes (2001) acredita que o desaparecimento definitivo da retórica clássica só se deu no início do século XX, quando foi absorvida pela lingüística.

De acordo com Bender e Wellbery, o que ocorreu após o fim da retórica clássica foi o surgimento da retoricidade, conceito criado para designar o período em que a retórica penetra em todas as instâncias do vivido e então, passa-se a viver de maneira retórica.

Para Engler (2012, p. 33-62), no entanto, o que parece ter sido visto como retórica clássica por Bender e Wellbery diz respeito somente à retórica após seu enclausuramento institucional por Platão e Aristóteles. É Aristóteles quem classifica a retórica como técnica e determina sua atuação em um campo específico. A retórica sofística, como vimos, atuava em uma multiplicidade de campos da experiência social e da ação humana, não estando ainda cerceada pelo racionalismo e enquadrada como disciplina, fato que a transformou em uma técnica com atuação limitada em campos específicos.

⁸ É impossível pensar algo que não exista. Tudo que pensamos tem alguma relação com a realidade.

Engler (2012) explica que três teses de Górgias evidenciam a proximidade da retórica clássica com a concepção de retoricidade de Bender e Wellbery; a saber, a) a indeterminação genérica da retórica, b) a instanciação do discurso sobre a verdade/conhecimento e c) a sua aplicação a contextos não-técnicos e desinstitucionalizados. Nesta perspectiva, a própria ideia de morte da retórica clássica se torna problemática, uma vez que retoricidade poderia ser outro nome para uma revisitação, na contemporaneidade, da retórica nos termos sofisticos. Polêmicas à parte, o surgimento de uma retoricidade ou atualização da retórica sofisticada parece evidenciar o retorno do fenômeno retórico na contemporaneidade.

É impossível pensar a comunicação humana, a produção do conhecimento científico e a apreensão da realidade sem que façamos uso da linguagem e seus elementos. O real é aquilo que não conseguimos acessar, portanto, a interiorização do real se dá por meio da linguagem, que constrói um “efeito de real”.

A pluralidade de suportes de discursos na contemporaneidade (cinema, grandes meios de comunicação, novas mídias sociais etc.) e a globalização, somados à recusa pós-moderna de preceitos racionalistas, permitem este retorno da retórica na contemporaneidade. Portanto, preservada a historicidade de cada período distinto, a onipresença da retórica na contemporaneidade assemelha-se à retórica dos sofistas no que diz respeito a sua atuação em diversos âmbitos do cotidiano. Assim, se torna fundamental termos consciência do caráter discursivo dos fatos.

Em uma sociedade democrática a verdade seria a escolha de um discurso. Em sociedades como a brasileira, que possuem uma democracia fragilizada⁹, pode prevalecer a imposição de um conhecimento da realidade que oculte as contradições, ou nas relações de poder predominar relações de dominação¹⁰. Ambas formas de dominação e controle são executadas no nível dos discursos.

⁹ Uma democracia saudável pressupõe, pelo menos, a participação política de todos os cidadãos, e isto não se dá apenas com o voto. No Brasil, o Congresso Nacional definitivamente não representa a maior parte da população brasileira, uma vez que, ao longo da história, majoritariamente, os políticos que ocuparam e ocupam o parlamento são predominantemente homens, brancos, provêm de famílias tradicionais, ou tiveram acesso a boas oportunidades de emprego, uma boa educação, o que não está disponível a todos os brasileiros. Um exemplo dessa situação evidenciou-se nas eleições de 2018, como pode ser visto em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/09/metade-do-novo-congresso-e-milionario.htm>

¹⁰ Ideologia em Marx e Engels, ou analítica do poder em Foucault: Tanto aqueles quanto este reconhecem a importância do discurso na concepção dos fatos.

Deste modo, assim como na antiguidade percebeu-se a importância e o poder da educação metalinguística para a formação do espírito e atuação política, é necessário que esta consciência esteja na pauta do mundo contemporâneo. Um mundo cada vez mais retórico exige a compreensão de que os fatos existem porque há um discurso sobre eles. Assim como apregoada pela sofística clássica, a educação metalinguística não deve se restringir à educação formal, mas penetrar no âmago da sociedade.

Os eventos que culminaram no impeachment da então Presidenta Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016 constituem uma ambigüidade, isto é, são passíveis de uma multiplicidade de interpretações. A política, por se tratar de um fenômeno complexo e da ordem do vivido, se apresenta como lugar privilegiado do dissenso e não de uma verdade absoluta: é aí que os discursos entram em cena.

Narrativa: um *phármakon* nas lutas políticas brasileiras

É difícil estabelecer o preciso momento em que “narrativa” se tornou uma palavra frequente nos discursos sobre política no Brasil, mas é fácil precisar o momento em que o termo ganha força e se torna uma constante no debate político: o segundo semestre do ano de 2015, no contexto dos eventos que culminaram, em 31 de agosto de 2016, no impeachment da então presidente Dilma Rousseff¹¹.

A partir de então, em velhas e novas mídias, a palavra narrativa será repetida à exaustão e, nos acalorados debates sobre o impedimento, se configurará em instrumento frequentemente utilizado por formadores de opinião que estavam a favor do impeachment, e que deram um significado político ao termo, a fim de combater o discurso daqueles que viam o processo como um golpe contra a Presidenta eleita em 2014.

Sempre que a palavra “narrativa” era evocada por aqueles que defendiam o impeachment, tinha como propósito designar que todo o discurso contrário ao impedimento de Rousseff não passava de uma ficção criada por brasileiros desonestos com o intuito de se sobrepor a uma verdade absoluta.

Por meio deste discurso, escrito ou pronunciado em vídeo e espalhado pelas redes sociais e grandes meios de comunicação, formadores de opinião identificados à direita do

¹¹ Luiz Zanin identificou a presença constante da palavra narrativa para se referir ao argumento petista. Ver em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/narrativas-e-o-golpe-semantico/>. Acesso em: 16/06/2020. Robson Vilalba também percebeu a presença da palavra narrativa e sua relação com o impedimento de Dilma Rousseff. Ver em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/impeachment-ou-golpe-narrativas-e-narradores/>. Acesso em 16/06/2020.

espectro político expunham o *phármakon*¹² utilizado pelos seus adversários. Mas, somente pessoas contrárias ao impeachment faziam uso de elementos lingüísticos no debate político?

Evidentemente que não. Mas, em tempos de “guerras de narrativas”, estabelecer uma verdade absoluta parece ser irresistível. O uso do termo narrativa se tornou tão presente nos debates políticos recentes que a própria esquerda, primeiramente acusada de criar narrativas, passou também a acusar seus adversários de forjarem narrativas. A palavra extrapola discussões em redes sociais. Nos grandes meios de comunicação, não é difícil encontrar editoriais que constroem suas verdades universais em oposição às “narrativas” de quem pensa diferente. A grande mídia teve um papel decisivo no processo de deposição da Presidenta Dilma, conforme analisou Rodrigues (2018).

Objetividade e neutralidade no jornalismo são conceitos que há muito tempo nenhum jornalista sério em qualquer parte do mundo é capaz de defender, uma vez que posições políticas são intrínsecas às práticas sociais, esteja o indivíduo consciente ou não disto. Construir discursos para defender concepções de verdades não é em si nenhum problema para a democracia, antes, reforça-a. É de suma importância uma imprensa livre. O problema se dá quando um discurso é proferido como verdade absoluta.

No ímpeto de vencer o debate, meios e agentes completamente distintos recorrem a um mesmo pressuposto metafísico: os “dogmas laicos”¹³ presentes no discurso de parte da imprensa se aproximam das “verdades messiânicas” propagadas pelo Movimento Brasil Livre¹⁴, entidade que, juntamente com o grupo Vem pra Rua, assumiu protagonismo nas manifestações a favor do impeachment.

Sensível e inteligível: a famosa divisão platônica do mundo parece prevalecer nestas discussões: quem constrói narrativas está no mundo ilusório das aparências; a verdade está com aqueles que a acessam no mundo perfeito das ideias. Parece haver algo

¹² Pharmakon está sendo utilizado aqui no sentido em que Derrida identificou no Fedro de Platão, ou seja, um veneno para o saber, a verdadeira ideia.

¹³ Termo utilizado por Eliane Brum para se referir às abordagens de parte da imprensa acerca dos protestos de rua contra o aumento da tarifa de ônibus, trens e metrô de São Paulo em 2016, no qual os discursos dos veículos de comunicação “aparecem como naturais, como se houvesse uma ordem ‘natural’ que dissesse respeito à ‘natureza’ das ‘coisas como as coisas são’ que precedesse a vida e a política”. Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/18/opinion/1453123446_710592.html. Acesso em: 16/06/2020.

¹⁴ A constatação do caráter redentor e messiânico do discurso do Movimento Brasil Livre é resultado de análises que o leitor poderá conferir em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8325> e <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1906-1.pdf>. Acesso em: 16/06/2020.

como “Nós dizemos a verdade, vocês se valem de artifícios retóricos, constroem narrativas”. A hipótese que propomos, portanto, é a de que a chamada nova direita brasileira assume o conceito metafísico de verdade como estratégia retórica para combater às "narrativas" de seus adversários políticos.

O maniqueísmo construído por metáfora, ora, uma figura de linguagem, parece ter sido uma das estratégias dos defensores do impedimento em 2016. Em um período de constantes manifestações que pediam o impeachment de Dilma Rousseff, Kim Kataguiri, uma das lideranças do Movimento Brasil Livre, escrevia em uma coluna para a versão online da Folha de São Paulo. Em texto intitulado “Sair às ruas, entrar para a história”¹⁵, escreveu: “ O governo Dilma é um dragão muito ferido, mas ainda é um dragão. Se não aproveitarmos o momento para aniquilá-lo, segundo os instrumentos que a democracia oferece, continuará a cuspir fogo nas instituições, mesmo agonizante”.

Janaína Paschoal, uma das autoras do pedido de impeachment que destituiu Dilma Rousseff, provavelmente em referência a uma fala do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva¹⁶, se valeu da “cobra” para demonizar o Partido dos Trabalhadores. Em um ato na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, Janaína disparou: “O Brasil não é a República da Cobra [...] Nós não vamos deixar esta cobra continuar dominando as nossas mentes, as almas dos nossos jovens”. No mesmo discurso, a advogada prosseguiu dizendo que quando a cobra cria asa “Deus manda uma legião para cortar a asa da cobra”¹⁷.

Se o polemista Olavo de Carvalho é o “guru” da nova direita brasileira, seus discursos podem ter contribuído para que a oposição verdade/discurso tenha ganhado terreno nas estratégias políticas. Em reação a um manifesto assinado por professores e pesquisadores de filosofia em apoio à candidatura de Dilma Rousseff nas eleições de 2010, o polemista publicou um texto no qual defende o conceito metafísico de verdade e ataca a

¹⁵ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1747374-sair-as-ruas-entrar-para-a-historia.shtml?cmpid=menupe>. Acesso em 18/06/2020.

¹⁶ Em 2016, após ser levado sob condução coercitiva e prestar depoimento à Polícia Federal, Lula discursou na sede nacional do Partido dos Trabalhadores. Em um momento do discurso, disse “Se quiseram matar a jararaca, não bateram na cabeça, bateram no rabo. A jararaca está viva”. Fonte: https://www.bemparana.com.br/noticia/nao-precisava-levar-uma-coercao.-era-so-ter-comunicado-diz-lula-na-sede-do-pt-#.Xuu8ROdy_IU. Acesso em: 18/06/2020.

¹⁷ A fala da advogada foi gravada em vídeo e pode ser visto em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/04/05/acabou-a-republica-da-cobra-diz-janaína-paschoal-uma-das-au_n_9616470.html. Acesso em: 18/06/2020.

sofística que, segundo ele, teria substituído a filosofia em muitas universidades brasileiras, pois nelas existiria “[...] a convicção de que não existe realidade nenhuma e tudo é construído pela linguagem”¹⁸.

No texto, fica clara a intenção do polemista de colocar, de um lado, a verdade absoluta e, de outro, as “ficções” construídas pela esquerda em geral e pelo Partido dos Trabalhadores em particular¹⁹. É sabido que Carvalho dedicou bastante tempo de sua vida com o esoterismo, além de ser adepto do pensamento difundido pela Escola Perennialista²⁰, portanto, não surpreende a sua defesa da metafísica. Não há problema nenhum em acreditar numa verdade além mundo, contudo, crenças pertencem ao foro íntimo. A aproximação ente política e religião é a questão preocupante.

Uma verdade para todos, plena, absoluta, universal, será, fatalmente, metafísica, isto é, um saber que em última instância se reporta a um centro, uma origem, seja Deus ou qualquer outra entidade metafísica. Derrida (1973) explicou que o pressuposto de nossa compreensão do mundo está justamente em uma arbitrariedade do signo (fundamentado no princípio da não contradição) que estabelece uma relação plena entre o significante e o significado. A partir desta arbitrariedade, são construídas dicotomias absolutas que, se desconstruídas “tijolo por tijolo”, expõe um vazio.

O mundo é o *rastro* (inscrição, suporte, técnica, forma, diferença) que escapa à origem plena e, para compreendê-lo, foi necessária a sistematização das linguagens. A origem nos escapa porque seu sentido foi criado a posteriori. Derrida constata que tudo se configura em ficcionalização da linguagem, pois o mundo nos escapa e temos que capturá-lo pela linguagem. A lógica da complementaridade, ou seja, o jogo de ficcionalização que fazemos daquilo que nos escapa seria a forma que encontramos para resistir ao enclausuramento da metafísica.

¹⁸ O texto de Olavo de Carvalho foi publicado originalmente no Diário do Comércio, em 21 de outubro de 2010. Está disponível também em: <http://www.olavodecarvalho.org/a-onipotencia-da-tagarelice/>. Acesso em: 18/06/2020.

¹⁹ Apesar de reivindicar um conceito metafísico de verdade com verniz de objetividade, o nome do polemista já esteve associado à divulgação de notícias falsas, como pode ser visto em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/olavo-de-carvalho-e-bia-kicis-terao-que-apagar-fake-news-sobre-jean-wyllys/>; <https://veja.abril.com.br/blog/radar/olavo-de-carvalho-propaga-fake-news-de-prisao-de-witzel-e-doria/>; <https://revistaforum.com.br/brasil/olavo-divulga-fake-news-coronavirus-e-patenteado-por-bill-gates-objetivo-e-reducao-populacional/>

²⁰ João Pedro Sabino Guimarães fez um estudo acerca da relação de Olavo de Carvalho com a Escola Perennialista. Ver em: <https://epoca.globo.com/a-derradeira-analise-da-obra-de-olavo-de-carvalho-para-nunca-ter-de-le-lo-23556545>. Acesso em: 19/06/2020.

Se em 2016, no contexto do impeachment de Dilma Rousseff, a grande mídia e grupos contrários ao governo parecem ter se unido em uníssono para derrubar a Presidenta, recentemente os “dogmas laicos” de alguns veículos de imprensa e as “verdades metafísicas” de grupos extremistas colidiram. Como vimos ao longo do artigo, a verdade absoluta é apenas uma e, portanto, precisa eliminar outras verdades. O repúdio à imprensa ganhou força após a eleição de Jair Bolsonaro e impulsionou a produção e consumo de notícias falsas, mergulhando o debate político brasileiro num mar de *fake news* e pós-verdades²¹ que culminou na negação da política e ataque ao Estado Democrático de Direito²².

Precisamos de “tecnologias de si”, para usar os termos propostos por Foucault (2014), para que não sucumbamos pela tecnologia da farsa. Na guerra de narrativas, a educação metalingüística é a arma mais poderosa.

Considerações finais

Este estudo buscou problematizar o uso corrente da palavra narrativa nas lutas políticas brasileiras como algo que se afasta da verdade. Para tanto, discorremos acerca do papel da sofística na Grécia Antiga, passando pela versão moderna da retórica clássica, para finalmente culminar na emergência dos discursos na cena contemporânea. Tentamos demonstrar que vivemos em um mundo retórico e, portanto, necessitamos de uma educação retórica, ou seja, a compreensão de que construímos o mundo por meio da linguagem.

A hipótese apresentada neste estudo é a de que a chamada nova direita brasileira faz uso de um conceito metafísico de verdade como forma retórica de desqualificar às “narrativas” de seus adversários políticos. Quem assume uma verdade metafísica, aproxima política de religião, algo preocupante para a democracia.

O que nos parece urgente hoje - em um mundo cada vez mais pulverizado e permeado por mentiras, discursos políticos com verniz de verdades plenas e guerra de narrativas - é uma educação que contemple os estudos retóricos e a formação

²¹ A pós-verdade se dá na junção entre fatos e mentiras. Os fatos servem de contexto verossímil para que as mentiras tenham “credibilidade”.

²² No dia 14/03/2019, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Dias Toffoli, anunciou abertura de inquérito para investigar notícias falsas e ameaças aos membros da Corte e seus familiares. Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/14/toffoli-anuncia-inquerito-para-apurar-noticias-fraudulentas-que-ofendam-a-honra-do-stf.ghtml>. Acesso em 16/06/2020.

metalingüística, para que o cidadão comum possa participar dos debates políticos de maneira mais consciente.

Como vimos no decorrer deste estudo, foram os sofistas da Grécia Antiga os primeiros a perceberem a importância da educação metalingüística para que o cidadão pudesse participar dos debates políticos na cidade. Desde então a retórica assumiu uma importância inestimável em sociedades complexas, muitas vezes assumindo outras denominações, mas sempre mantendo a sua principal característica: a ênfase na potência do discurso.

Bibliografia:

BENDER, J.; WELLBERY, D. *Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica* (Trad. Ângela Melim). In: WELLBERY, D. Neo-retórica e desconstrução. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 11-49.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005. Trad.: Rogério Costa.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

ENGLER, M. R. *Górgias e a retoricidade: onipresença e onipotência da capacidade retórica*. Revista Dissertatio, UFPEL, n. 36, verão de 2012, p. 33-62.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Tradução de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009. [Apresenta as traduções de textos gregos realizadas pelo grupo Anágnosis, da UFMG.] Disponível em: <http://anagnosisufmg.blogspot.com/2009/10/elogio-de-helena-gorgias.html>>. Acesso em:19/05/2018

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORAES, L. E. S. . *O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado*. In: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011.

PLATÃO - *Fedro ou da Beleza*. Trad. Pinharanda Gomes. 6a Ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

REIS, Jose Carlos. *História da História: civilização ocidental e sentido histórico*. História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

RODRIGUES, Theófilo Machado. *O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017)*. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 37-58, ago. 2018/ nov. 2018.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília. 2007. p. 17-43.

SCHIAVONI, D. ; VENERA, J. I. . *#EsseImpeachmentÉMeu: Análise do discurso do colonista Kim Kataguiri durante o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff*. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2017.

SCOTT, Joan. “*Experiência*”. In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Orgs.) Falas de gênero. Florianópolis Editora Mulheres, 1999, pp. 21-55.

WOODRUFF, Paul. *Retórica e relativismo: Protágoras e Górgias*. In: LONG, A. A (org). Os primórdios da filosofia grega. São Paulo: Idéias e Letras, 2008, p. 365-388.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji ; MOURA, J. F. . *O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada*. COMUNICOLOGIA (BRASÍLIA) , v. 11, p. 153-169, 2018.

Fontes consultadas:

<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Maio/ultimo-video-da-serie-minuto-da->

[checagem-alerta-sobre-as-consequencias-da-divulgacao-de-desinformacao](http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Maio/ultimo-video-da-serie-minuto-da-)

<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/09/metade-do-novo-congresso-e-milionario.htm>

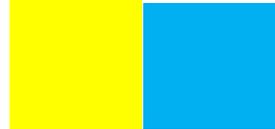
<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/narrativas-e-o-golpe-semantico/>

<https://outraspalavras.net/sem-categoria/impeachment-ou-golpe-narrativas-e-narradores/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/18/opinion/1453123446_710592.html

https://www.bemparana.com.br/noticia/nao-precisava-levar-uma-coercao.-era-so-ter-comunicado-diz-lula-na-sede-do-pt-#.Xuu8ROdv_IU

https://www.huffpostbrasil.com/2016/04/05/acabou-a-republica-da-cobra-diz-janaina-paschoal-uma-das-au_n_9616470.html



<http://www.olavodecarvalho.org/a-onipotencia-da-tagarelice/>

<https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/olavo-de-carvalho-e-bia-kicis-terao-que-apagar-fake-news-sobre-jean-wyllys/>

<https://veja.abril.com.br/blog/radar/olavo-de-carvalho-propaga-fake-news-de-prisao-de-witzel-e-doria/>

<https://revistaforum.com.br/brasil/olavo-divulga-fake-news-coronavirus-e-patenteado-por-bill-gates-objetivo-e-reducao-populacional/>

<https://epoca.globo.com/a-derradeira-analise-da-obra-de-olavo-de-carvalho-para-nunca-ter-de-le-lo-23556545>

https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/14/toffoli-anuncia-inquerito-para-apurar-noticias-fraudulentas-que-ofendam-a-honra_